

© 2015 Carlos Reis, Ana Luísa Vilela e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Título: O Mistério da Estrada de Sintra

Cartas ao *Diário de Notícias*

Autores: Eça de Queirós e Ramalho Ortigão

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Conceção gráfica: INCM

Capa: Espaço *Vibratório III*, 1999,

da autoria de Eduardo Nery, tapeçaria em lã tecida pela
Manufatura de Tapeçarias de Portalegre; 400 cm × 640
cm.

Coleção da Câmara Municipal de Barcelos,
Sala Gótica.

Data de impressão: agosto de 2015

ISBN: 978-972-27-2352-7

Depósito legal: 384 657/14

Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós

Coordenador: Carlos Reis

Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós

Plano de edição

FICÇÃO

Não-póstumos

- * O Mistério da Estrada de Sintra
- O Crime do Padre Amaro (1.ª versão)
- * O Crime do Padre Amaro (2.ª e 3.ª versões)
- O Primo Basílio
- * O Mandarim
- A Relíquia
- Os Maias
- * Contos I

Semipóstumos e póstumos

- * A Correspondência de Fradique Mendes
- * A Ilustre Casa de Ramires
- A Cidade e as Serras
- * Contos II
- Lendas de Santos
- * A Capital!
- O Conde de Abranhos
- * Alves & C.ª
- A Tragédia da Rua das Flores

TEXTOS DE IMPRENSA

Uma Campanha Alegre. De «As Farpas»

- * Textos de Imprensa I
- Textos de Imprensa II
- Textos de Imprensa III
- * Textos de Imprensa IV
- * Textos de Imprensa V
- * Textos de Imprensa VI

EPISTOLOGRAFIA

- * Cartas Públicas Cartas Privadas

NARRATIVAS DE VIAGENS

O Egito e Outros Relatos

VÁRIA * Almanques e Outros Dispersos

TRADUÇÕES

- Philidor
- * As Minas de Salomão
- * Volumes publicados

O MISTÉRIO DA ESTRADA DE SINTRA
Cartas ao *Diário de Notícias*

O Mistério da Estrada de Sintra.5 5

O Mistério da Estrada de Sintra.6 6

Primeira página do *Diário de Notícias*, de 24 de julho de 1870, em
que se iniciou a publicação d'*O Mistério da Estrada de Sintra*

O Mistério da Estrada de Sintra.7 7

EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS

Ficção, Não-Póstumos

O Mistério da
Estrada de Sintra
Cartas ao Diário de Notícias

Edição de
Ana Luísa Vilela

Imprensa Nacional-Casa da Moeda
2015

Nota prefacial

A edição crítica d’*O Mistério da Estrada de Sintra* faculta aos estudiosos da obra de Eça de Queirós o contacto não apenas com um texto singular, mas também com todo um episódio literário e comunicacional extremamente interessante. Escrito em 1870 a quatro mãos, *O Mistério da Estrada de Sintra* constituiu, no seu tempo, uma aventura literária que causou perplexidade, na modorrenta vida cultural da Lisboa da segunda metade do século ^{xix}. Para acentuar o espanto que este romance epistolar acabou por suscitar, levou-se a cabo a sua publicação naquele que era então um jornal de fundação recente, à procura de penetração em novas camadas de leitores; desse ponto de vista, o *Diário de Notícias*, dirigido por Eduardo Coelho, foi um título inovador no panorama da nossa imprensa e bem mereceu a atenção que sobre ele recaiu, ao dar publicidade a este mistério sob forma de cartas.

Para além disso — ou até em articulação com isso —, *O Mistério da Estrada de Sintra* é um exercício de construção de uma ficção que habilmente disfarça essa sua condição. Ou que joga, de forma deliberada e divertida, com as frágeis fronteiras da ficção e com dispositivos contratuais e discursivos que põem em causa a distinção entre mundo ficcional e mundo real. Era um jovem que andava pelos 25 anos quem participava naquele exercício, já então, como acontecera alguns anos antes com os folhetins da *Gazeta de Portugal*, com o claro propósito de introduzir uma vibrante nota de provocação nas rotinas culturais da burguesia lisboeta. Acompanhava Eça de Queirós, na composição do romance, Ramalho Ortigão, mais velho nove anos do que o amigo (e seu antigo professor, como se sabe), na que seria uma primeira colaboração entre ambos, aprofundada, no ano seguinte ao do aparecimento d’*O Mistério da Estrada de Sintra*, quando irromperam, na cena cultural portuguesa, *As Farpas*.

Logo depois da serialização de 1870 e nesse mesmo ano, este romance — em que parodicamente se cruzam o relato de mistério, a narrativa policial e a retórica do romance-folhetim — foi editado em livro, «liberto» dos estratagemas paraficcionais que em boa parte fazem dele uma obra peculiar. Bem mais tarde, em 1885, uma nova edição em livro é acompanhada por uma carta-prefácio, em que os dois autores, num tom não isento de melancolia, explicam as motivações que os levaram a escrever «um romance tremendo, buzinado à Baixa das alturas do *Diário de Notícias*». Trata-se agora de um texto que exhibe profundas diferenças relativamente aos dois de 1870.

De tudo isto e do mais que adiante se encontrará ocupa-se esta edição crítica. Preparada por Ana Luísa Vilela, ela resulta do labor meticuloso de quem há muito se vem competentemente debruçando sobre a obra queirosiana. Professora da Universidade de Évora, Ana Luísa Vilela é autora de uma extensa dissertação de mestrado sobre Ramalho Ortigão e de uma tese de doutoramento sobre *Os Maias*, publicada com o título *Poética do Corpo. Imaginário e representação física n'Os Maias de Eça de Queirós* (Lisboa, Edições Cosmos, 2012). Para além disso, são abundantes, no currículo de Ana Luísa Vilela, os contributos para o estudo de Eça de Queirós. Por todas estas razões, é esta uma edição que merece o crédito de ser subscrita por uma especialista com provas dadas no campo de estudos em apreço.

Carlos Reis

Sumário

<i>Nota prefacial</i>	11
INTRODUÇÃO	15
1. Que mistério é este?	15
2. a história editorial do texto	17
3. as Questões da autoria	62
4. Os estudos Críticos	73
5. a filiação genológica e periodológica do texto	75
6. Os Critérios da presente edição Crítica	85
TEXTO CRÍTICO	91
<i>prefácio</i>	93
<i>exposição do doutor ***</i>	97
<i>intervenção de Z.</i>	145
<i>de f... ao médico</i>	151
<i>Segunda Carta de Z.</i>	177
<i>narrativa do mascarado alto</i>	183
<i>as revelações de a. m. C.</i>	283
<i>a Confissão dela</i>	327
<i>Concluem as revelações de a. m. C.</i>	379
<i>A última Carta</i>	391
<i>Notas bibliográficas</i>	393

INTRODUÇÃO

1. Que mistério é este?

Em agosto de 1870, Eça de Queirós está em Leiria, aonde chegou, presumivelmente, há cerca de um mês, para tomar posse do cargo de administrador do concelho. Em brevíssima carta a Eduardo Coelho, diretor do *Diário de Notícias*, pede-lhe que lhe envie o mapa da guerra franco-prussiana, há pouco publicado no jornal — pois só os sucessos do conflito o distraem do seu exílio na província. O escritor, então com 25 anos incompletos, termina a sua carta com estas palavras enigmáticas: «E o nosso *Mistério?* Mistério!... É o caso de cantar como nas óperas cómicas de Scribe: *Quel est donc ce mystère?*» (Queirós, 1983: 57-58.)

Estas observações elípticas, notáveis de discrição, são geralmente tomadas como alusões ao folhetim *Um Mistério da Estrada de Sintra*, que ao tempo o periódico publicava e que, entretanto, Eça e Ramalho Ortigão iam escrevendo, um em Lisboa, o outro em Leiria. Assumiu o folhetim a forma de cartas relatando acontecimentos supostamente autênticos, como tal deliberadamente aceites pela direção do jornal, que assim colaborou ativamente na mistificação. O texto do romance foi sendo, pelo menos inicialmente, lido pelo público como uma narrativa noticiosa e factual, embora de recorte vincadamente folhetinesco — e publicado, aliás, no espaço reservado habitualmente ao folhetim. Operando num terreno ambíguo, insinuando e negando a sua própria ficcionalidade, o texto tratava de levar ao absurdo, ao mesmo tempo defraudando-as, as expectativas literárias (e jornalísticas) dos leitores do periódico.